

BRASIL: OS SALESIANOS NA TEBAIDA. UMA HISTÓRIA QUE DUROU 20 ANOS (1902 – 1922)

Antenor de Andrade Silva

SIGLAS

ASC	Arquivo Salesiano Central
ACSA	Arquivo do Colégio Salesiano de Aracaju
ACSR	Arquivo do Colégio Salesiano do Recife
ACSB	Arquivo do Colégio Salesiano da Bahia
SE	Sergipe
BA	Bahia

Introdução

Os Salesianos, oriundos da Itália, se instalaram em 1900, na cidade de São Salvador, Capital do Estado da Bahia. Dois anos após, fundaram no Estado de Sergipe, 355 km ao Norte, uma Escola Agrícola no local denominado Tebaida, distante 18 km da Capital Aracaju.

O presente trabalho tem por objetivo oferecer ao leitor uma visão da saga vivida pelos missionários de Turim, ao realizarem a primeira fundação em terras sergipanas. Iniciaremos com as solicitações do padre Olímpio de Souza Campos, mais conhecido por Monsenhor Olímpio Campos, Presidente daquele Estado (1899 a 1902) e do Arcebispo Primaz do Brasil, Dom Jerônimo Thomé da Silva. Abordaremos as tratativas iniciais exercidas pelo Diretor da Bahia, P. Luiz Della Valle e P. Lourenço Giordano, Provincial da Inspeção São Luiz de Gonzaga do Norte do Brasil. Descreveremos a fundação da Escola Agrícola São José da Tebaida, seus primeiros anos, declínio e as lutas para não fechá-la. Falaremos das enfermidades, das fundações dos Oratórios de Aracaju (Tebaidinha e Bebé) e do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. O presente estudo abrange o período de 1900 a 1922, quando se deu o ocaso, da “Velha Escola Abandonada”.

As fontes pesquisadas se encontram no Arquivo Salesiano Central em Roma; nos Arquivos do Liceu Salesiano de Salvador; da Inspeção São Luiz de Gonzaga em Recife; do Colégio Salesiano de Aracaju e do Colégio Sa-

gração Coração do Recife. Outrossim, foram consultadas obras de notórios historiadores salesianos como Luiz de Oliveira, Carlos Leoncio da Silva e Luiz Marcigaglia.¹

Houve dificuldades em decifrar documentos antigos, verdadeiros alfarábios da língua italiana, gastos pelo tempo. Muitas horas foram despendidas em checar informações e números. Espero no entanto, que estas linhas, escritas ao tramontar deste século, mostrem um pouco da odisséia de um grupo que teimou em realizar nos pântanos, tabuleiros² e carrascais³ da Tebaida, uma típica Escola Agrícola, como as existentes nas planuras ubertosas do outro lado do Atlântico.

O Estado de Sergipe atualmente com 22.050,40 km² tem por capital Aracaju, graciosa urbe emoldurada por belas praias do Atlântico, águas tranqüilas e preguiçosas do rio Cotinguiba e lindas dunas de areias brancas apontando para o céu. Sua área urbana é de cerca de 176 km² com uma população aproximando-se dos 450.000 hab. A altitude é de 2 m acima do nível do mar, distando 1.737 km de Brasília e 501 km do Recife.⁴

As riquezas do Estado se baseiam na agroindústria e no petróleo. Limita-se com a Bahia, na época colonial, grande importador de trabalhadores da África. Esta vizinhança fez com que parte da população sergipana apresentasse características marcantes dos homens e mulheres do Continente Negro.

No época em que os religiosos de Dom Bosco fundaram a obra de Sergipe, o Brasil contava três Províncias salesianas. A Inspeção de Maria Auxiliadora (1883), cujo Provincial era o P. Carlos Peretto. A sede ficava em Lorena, no vale do Paraíba, em S. Paulo. A Inspeção S. Afonso Maria de Ligório (1896), abrangendo o Mato Grosso. P. Antônio Malan⁵ era o Superior provincial e a sede estava em Cuiabá. A terceira Inspeção era a de S. Luiz de Gonzaga do Norte do Brasil (1902). Tinha como Provincial o P. Lourenço Giordano. Residia na Bahia e coordenava todo o território, atualmente compreendido pelas duas Províncias do Recife e Manaus, Nordeste e Norte do

¹ A pesquisa faz parte de um trabalho mais amplo sobre a presença salesiana na Bahia, a ser lançado no próximo ano 2.000, quando celebrar-se-á o Centenário de fundação do Liceu Salesiano do Salvador da Bahia. Ao longo deste estudo o termo Bahia é usado quer significando o Estado da Federação (BA), quer a Capital Salvador, modalidade ainda hoje freqüente.

² Planalto pouco elevado, em geral arenoso e de vegetação rasteira. No Nordeste do Brasil é uma faixa de terra com poucas árvores e quase sem nenhum arbusto (Dicionário Aurélio).

³ Caminho pedregoso. Mata anã, de arbustos, de caule e ramos duros e esguios (Dicionário Aurélio).

⁴ *Mapa Polivisual do Brasil*; ed. 1998.

⁵ Cf T. VALSECCHI, *Origine e sviluppo delle ispettorie salesiane* in RSS 3 (1983), pp. 263 - 273 e 273.

Brasil. A área em sua totalidade alcançava os 5.430.815,70 km² ou seja 63,54% da extensão territorial do país que é de 8.547.403,50 km².

A então Província do Norte do Brasil tinha 32 salesianos e 3 noviços. As obras eram 5. O Colégio de Artes e Ofícios do Sagrado Coração em Recife (1894). A Colônia S. Sebastião em Jaboatão (1900). O Colégio do Salvador ou Liceu Salesiano do São Salvador na Bahia (1900). O Orfanotrófio S. Joaquim em Recife (1902) e a Escola Agrícola S. José no interior de Sergipe, primeira fundação do Norte (19 de março de 1902), após a criação da Nova Inspetoria do Norte do Brasil, em 20 de janeiro de 1902.

I. Da Bahia à Tebaida

1. Intervenções de Monsenhor Olímpio de Souza Campos e Dom. Jerônimo Thomé da Silva

A presença salesiana em Sergipe teve como alavanca principal o Presidente do Estado, na época Monsenhor Olímpio de Souza Campos ⁶ um dos clérigos e políticos mais famosos do seu Estado. Outra insistência de peso, foi a de Dom Jerônimo Thomé da Silva (1849-1924) Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil. Também ele trabalhava para ver os filhos de D. Bosco ao Norte de sua Arquidiocese. Segundo Della Valle foram «reiterados os pedidos do Presidente do Estado de Sergipe e de S. E.^{cia} o Arcebispo» e os Salesianos deveriam fazer qualquer sacrifício para aceitarem a obra. A solicitação do Prelado baiano, escrita em um Cartão de visita, foi transmitida ao P. Miguel Rua pelo P. Luiz Della Valle (1872-1914), Diretor do Liceu da Bahia.⁷

O Superior Geral dos Salesianos e o P. Julio Barberis estavam a par da problemática desde fevereiro de 1901, quando Luiz Della Valle fora aconselhado a visitar o local. Della Valle após conhecer o terreno envia aos Superiores um volumoso e detalhado relatório ⁸ sobre a propriedade. Entre outras afirmações está a de que o Senhor Bispo ficaria feliz se pudesse inaugurar a Colônia Agrícola no fim do ano, durante a visita pastoral. Por sua parte, Monsenhor Olímpio, terminaria o mandato em 1902 e gostaria também de acertar tudo antes de entregar o cargo de Governador. Sua intenção era doar aos educadores baianos uma Escola Agrícola para meninos pobres. O Inspetor, Pe. L. Giordano, carecendo de pessoal, não teve condições de atender de ime-

⁶ Presidiu O Estado de Sergipe 1899 - 1902. Morto no Rio de Janeiro em 9 de outubro de 1906.

⁷ ASC F 545 carta Della Valle-Rua, Bahia, 22 junho 1901.

⁸ ASC F 545 carta Della Valle-Rua, 22 de junho de 1901. Ib.

diato ao presidente sergipano, de modo que este resolveu apelar diretamente para Turim. Olímpio Campos gostaria também que os Salesianos fundassem um Colégio na capital, onde as casas de educação, tanto masculinas como femininas, eram todas dirigidas por protestantes.

O entusiasmo do missionário italiano era incontido e enorme a pressa que lhe acometia na aquisição das terras sergipanas. Della Valle em 1901, expediu pelo menos quatro missivas a Turim, abordando o mesmo problema. Três ao Pe. M. Rua⁹ e uma ao Pe. Júlio Barberis, aquela em que este aconselha-o a visitar o terreno. O secretário P. Eugênio Calógeras na crônica, sobre a visita do P. Álbera à Bahia, em 1901, afirma que o Reitor Mor, P. Rua, já havia então prometido a abertura da casa em Sergipe, afirmando mesmo que o pessoal já havia sido escolhido.

A descrição demasiadamente otimista que L. Della Valle faz das terras que ele chama a *Escola Agrícola abandonada* é plena de arroubo, entusiasmo e se reveste das esperanças de um pioneiro do Oeste Setentrional Americano. O professor Luiz de Oliveira comentando-a, diz perspicaz e graciosamente que «supera de muito em otimismo as informações dos enviados de Moisés para explorar a Terra Prometida».

«Encontram-se ali mais de cem pequenas casas para colonos e dois grandes depósitos para colheitas. Treze pequenas casas para os salesianos e alunos que começariam a colônia. Além disso o (terreno) é irrigado por pequenos rios e por um rio navegável até pouca distância, que dá ótima água para beber e para irrigação, deixando-nos a cavaleiro da seca nestes lugares, onde tanto se teme a falta d'água. Há grandes áreas para plantações e um grande terreno, onde se pode criar quinhentas cabeças de boi sem contar as ovelhas, cabras, porcos, etc. Trata-se do melhor pasto de Sergipe para a criação de animais e, podemos dizer a única parte presentemente usufruída na colônia. Do mesmo terreno se pode extrair a cal e a terra para se construir no local tijolos e telhas. Há também madeiras para construção».¹⁰

A Congregação apossar-se-ia da Colônia através de uma compra, cuja importância seria estabelecida, correspondendo ao seu valor, sendo o imóvel vendido, livre de qualquer ônus de arrendatários. O dinheiro necessário receber-se-ia do governo com uma mão e pagar-se-ia ao tesouro do Estado com a outra. Além disso seria aprovada uma lei pela qual a colônia seria subsidiada com a verba oficial de 15 contos anuais, para sustentação dos alunos da Escola. Previa-se ainda a construção de uma casa para abrigar religiosos e

⁹ ASC F 730 *Tebaida*, Ao Pe. Rua: 01 de fevereiro de 1901. 14 de março 1901. Maio 1901 (não aparece a data). Della Valle-Barberis, Bahia, 22 de junho de 1901.

¹⁰ ASC Della Vale-Rua, 22 junho 1901.

alunos, o que seria realizado antes do término de 1902. P. Rota, anos mais tarde, dirá que a casa e o terreno foram doados pelo Governo para se fundar uma Escola Agrícola, que o mesmo Presidente Olímpio Campos “já tinha de qualquer modo iniciado”.

Della Valle está disposto a se desfazer de um salesiano de sua comunidade. Se necessário mandaria o P. Pascoal a Sergipe e viria mensalmente ajudá-lo. Arrumar-se-ia com o atual pessoal da Bahia. Uma insistência paulificante. A resposta à sua ansiedade, foi dada pelo P. Miguel Rua e Celestino Durando,¹¹ ainda em 1901, no mesmo documento por ele escrito, em junho daquele ano. Ao conhecer a resposta positiva, Della Valle se apressa em comunicar ao Arcebispo da Bahia que a Colônia Agrícola de Sergipe será aberta em outubro ou novembro. Os semáforos de Turim lançam luzes verdes e assim, o Inspetor Lourenço Giordano e Pe. Luiz Pascoal, próximo encarregado da obra, viajam a Sergipe para se encontrarem com Olímpio Campos e procurarem um local próprio para a obra.¹² A propósito das andanças em busca de um terreno propício a uma Escola Agrícola temos um comentário de Carlos Leoncio que conheceu e viveu naquelas brenhas

«P. Giordano várias vezes nos contava, já na Tebaida, peripécias desta viagem e as incertezas e dificuldades para achar um terreno apto para uma Escola Agrícola. Quem conhece o velho Sergipe d’El Rei, sabe como a novel capital Aracaju e arredores, estão situados num terreno arenoso, cheio de dunas, transportáveis pelos ventos, às margens do Cotinguiba, que dá à capital seu porto fluvial. Pelo interior, muitos terrenos secos e cobertos de uma mais ou menos profunda camada de pedregulhos que torna o solo árido e só revestido de uma vegetação rasteira de carrasco, marmelo brabo e samambaia de folhas ásperas como lixa».¹³

¹¹ Pe. Celestino Durando (Cuneo, 29 abril /04/1840 – Turim, 27- março 03/11907). Durante 40 anos foi membro do Conselho Superior. No Oratório foi colega e amigo de Domingos Sávio. De 1886 a 1903 foi Inspetor da Inspetoria Exterior de Todos os Santos. Era uma Inspetoria “sui generis”. Englobava as casas da Suíça, França, Espanha, Inglaterra, Polônia, África e Ásia. Pe. Durando foi era também o responsável pela abertura de novas casas. Os freqüentes pedidos que chegavam a D. Bosco e depois ao Pe. Rua, ordinariamente caíam em suas mãos. Foi o caso, por exemplo, da solicitação para a obra de Sergipe. D. Bosco não tinha tempo de responder as centenas de pedidos de fundações que eram feitos continuamente, após o reconhecimento da Sociedade em 1869 e a aprovação das Constituições em 1874. Em 1878, o Capítulo Superior encarregou o P. Celestino Durando dos assuntos referentes àqueles pedidos. Vide ASC D 868 e Francesco CASELLA, *Le richieste di fondazioni a Don Bosco...*, in RSS 32 (1988) p. 67.

¹² A viagem de seis dias, iniciada em dois de março, era então realizada em trem, canoas a remo ou à vela (jangada), cavalo ou carro de boi. Cf BS, *Boletim Salesiano*, outubro de 1902, pp. 300 a- 302.

¹³ Carlos LEONCIO, *Sete Lustrós da Inspetoria Salesiana do Norte do Brasil (1895-1930)*. Lorena-S. Paulo 1967, p. 79. Ainda hoje ao se visitar as vizinhanças da capital de Sergipe, constata-se que a descrição do antigo aluno continua geograficamente muito atual.

Desanimados, cansados e sem encontrarem nenhum terreno apto aos seus objetivos, o Monsenhor teria convidado P. Giordano e P. Pascoal para conhecerem um seu sítio no local denominado Tebaida. Finalmente os nossos desbravadores, após examinarem o local, gostaram e resolveram ficar. Tratava-se de uma fazenda-pousada-fim de semana do Presidente. Na área passavam os rios Pitanga e o Poxim, descortinando-se não longe o verde das matas tropicais de Água Fria. O terreno, escrevia P. Della Valle, era *uma antiga Escola Agrícola abandonada* com alguns pântanos e colinas piçarrentas. Era um *lugar pedregoso e insalubre*, observaria tempos depois o P. Rota.

2. Inauguração

Escolhido o local, realizou-se a inauguração no Dia de S. José, 19 de março de 1902. Estavam presentes o Presidente do Estado, Monsenhor Olímpio de Souza Campos, diversas autoridades da Capital sergipana, da cidade de São Cristóvão e da Bahia, bem como o P. Luiz Pascoal, sob cuja direção ficaram os trabalhos da nova obra. A Ata da Inauguração descreve o momento, referindo-se às autoridades presentes e às pessoas que pela própria posição e cooperação preenchiam por si sós o edifício.¹⁴

O nome escolhido para a fundação foi “Escola Agrícola Salesiana S. José”. Tratava-se de uma homenagem ao Santo operário, no dia de sua festa «e para colocá-la sob o patrocínio do grande Protetor do Divino Artífice Jesus». Tratava-se também de um reconhecimento àquele “que tanto trabalhou e trabalha pelas Casas do Norte do Brasil”, o Pe. José Lazzero¹⁵ (1837 - 1910), Inspetor do Norte do Brasil, até 1902, quando foi substituído pelo P. Lourenço Giordano. Após a inauguração o Inspetor, também Diretor da nova Escola Agrícola, demora-se ainda alguns dias em Sergipe, retornando à Bahia no dia 4 de abril. P. Luiz Pascoal permanece como encarregado da obra, auxiliado pelo irmão coadjutor Henrique Valle. Dois meses após, o Vigário de S. Cristóvão, P. Giovanni Florêncio Pereira benze a Capela da Escola. Assistiam à cerimônia Mons. Olímpio Campos, o Deputado Dr. Severiano Cardoso e o Diretor da Instrução Pública, Dr. Manoel dos Passos Teles. Naquele dia, 19 de março, cinco alunos eram recebidos na Escola. O mês e o número dos meninos coincidiam com o que acontecera na Bahia, dois anos antes, quando ali foram matriculados, em 11 de março de 1900, os cinco primeiros órfãos da carnificina de Canudos.

¹⁴ ACSA. *Termo de Inauguração da Escola Agrícola “S. José”, fundada no Sítio Thebaida.*

¹⁵ Alusão ao tempo (após 1885) em que P. José Lazzero foi encarregado por D. Bosco da correspondência com os missionários das Américas e, vivendo em Turim, era Inspetor da Inspetoria do Norte de Brasil Mexicana e Venezuelana, incluindo casas do México, Estados Unidos, Venezuela e Norte do Brasil.

3. Nova paisagem às margens do Pitanga

O Senhor Olavo, primeiro irmão leigo a professar na Inspetoria Salesiana S. Luiz de Gonzaga, observa em sua Crônica que *sob a proteção do governo do Estado a obra prosperava*. Chegou-se mesmo a aumentar a área geográfica, às margens dos dois rios. A ajuda mensal prometida e legalizada não faltava aos aprendizes. Um Impresso publicado posteriormente pelas Escolas Salesianas da Bahia traz uma descrição simples e bucólica sobre a fazenda ocupada pelos missionários ítalo-baianos. Observa-se que se trata de uma propriedade agreste, sáfara e ao mesmo tempo insalubre, exigindo muito trabalho, investimento e dedicação, para que se tornasse realmente produtiva. O esforço constante modificou a paisagem da Tebaida, tornando-a habitável e querida, deixando, segundo o impresso acima citado, saudades em seus ex-alunos. Nasceu mesmo, nas suas vizinhanças a *Vila Dom Bosco*.¹⁶ O Vilarejo tornou-se local de freqüentes visitas para os meninos da Escola S. José. Piqueniques, festas de S. João e outras, sempre acompanhadas pela banda, admirada e aplaudida pelo povo da vizinhança e da Vila Dom Bosco, espécie de satélite da Escola S. José.

Mecenas das ciências agrárias, P. Giordano parecia sentir-se satisfeito com a sua Tebaida. Um dos acontecimentos que lhe favoreceu foi a unificação das Províncias Norte e Sul,¹⁷ dando-lhe, condições de maior facilidade no referente à transferência de pessoal para o Norte. No mês de outubro de 1911, P. Atílio Cosci se encontrava em Turim. Voltando ao Brasil passa um ano na Escola de Campinas. No início de 1913, P. Rota manda-o para a Tebaida, *em companhia do P. Giordano meu antigo diretor da casa de S. Paulo*. Mais tarde, chegam P. Samuel Galbusera e P. Pedro Ghislandi. É o ano em que foi inaugurada a célebre ferrovia Salvador-Propriá, cujo traçado original

¹⁶ ASC. F 730730, *Thebaida*.

¹⁷ Em reunião do dia 26 de janeiro de 1912, na sede inspetorial da Inspetoria do Sul, em Lorena, o P. Inspetor Pedro Rota lê uma carta do secretário do Capítulo Superior, onde está a notícia da unificação pela qual as duas Inspetoria do Sul e do Norte do Brasil, passariam a formarem uma só. Assim o país passou a ter uma única Inspetoria, até o final do Inspeorado P. Rota. O fato ocorreu em maio de 1925. Naquela época passou-se novamente a formar duas Províncias: a do Sul com o Inspetor P. Domingos Cerrato e do Norte sob a responsabilidade do P. Ambrósio Tirelli. Alguns motivos que levaram os Superiores a tomarem a decisão: a) Poucos salesianos, muito trabalho, cansaço e doenças. A Inspetoria do Sul tinha 118 salesianos, enquanto no Norte havia cerca de 60 com uma média mais ou menos de 5 noviços ao ano. b) Uma certa crise de autoridade, dificultava as mudanças de pessoal. O número insuficiente de irmãos fazia com que os diretores não cedessem facilmente seus súbditos para outras comunidades. c) Com a união, o Norte recebeu novos salesianos vindos do Sul. A formação dos futuros salesianos passou a ser bem melhor, mais acurada com a preparação dos e nos seminários e o envio de estudantes para as casas de S. Paulo e da Itália.

passando nos terrenos da Escola foi posteriormente modificado pelos Coronéis locais, de acordo com seus interesses. Inicialmente, Attilio Cosci sentiu um pouco o calor excessivo e piorou dos incômodos que lhe abatiam. No entanto, sentia-se bastante entusiasmado e otimista pela obra: «em futuro não muito remoto, a Colônia poderá honrar a Congregação, não só nesta zona, mas em todo o Brasil». ¹⁸ P. Atílio confiava sobretudo no seu antigo diretor que, à frente da casa poderia em breve melhorá-la e desenvolvê-la. O que faltava era dinheiro para se aceitar mais alunos pobres. ¹⁹

Aprendizes e estudantes

Na Tebaida como de resto em outras casas de formação profissional sob a orientação dos Salesianos, os jovens educandos se apresentavam em duas categorias: aprendizes e estudantes. Aceitavam-se gratuitamente como artistas, ou aprendizes os meninos pobres e órfãos em extrema *indigência*. *O número dependia dos meios que o patriótico Governo e a caridade pública oferecessem*. Os garotos aprendizes da Colônia S. José ocupavam o tempo, segundo a profissão que seguiam. Parte na agricultura e parte nas demais oficinas: marcenaria, sapataria, alfaiataria, serralharia, carpintaria, padaria e na arte de pedreiro. Havia aulas de português, aritmética, história do Brasil, geografia, agricultura teórica, escrituração mercantil, e instrução moral e cristã. Os que tivessem aptidão podiam também assistir aulas de declamação, desenho, teatro, música vocal e instrumental (aulas de canto e banda). Embora houvesse o problema da distância, festas como a de S. Luiz de Gonzaga e onomástico do Diretor (22/6), S. João (24/6) e Assunção de Nossa Senhora (15/8) eram momentos ansiosamente esperados pela comunidade para se ouvir a banda e a Escola de Cantos dos alunos e aprendizes. ²⁰

Os alunos eram divididos em duas categorias aprendizes e estudantes ou pensionistas. «Ella (a escola) aceita gratuitamente como artistas, os meninos pobres e orphãos que estejam em extrema indigência». Para grupo de estudantes o ensino dividia-se em Inferior e Superior. O *Curso Inferior* – compreendia as matérias das aulas primárias, seguidas pela instrução pública: portu-

¹⁸ ASC F 730 carta Cosci - Álbera, 10 junho 1913.

¹⁹ ASC F 730 carta Cosci - Álbera. Thebaida, 16 de março de 1913.

²⁰ Em certa ocasião (1918), em que se celebrava a Festa do Sagrado Coração de Jesus, o senhor Bispo Dom Thomás da Silva apareceu dois dias antes. Compareceram mais de 40 alunos do Colégio N. S. Auxiliadora de Aracaju, juntando-se aos 20 da Escola Agrícola. O 42 BC, acampado às margens do Poxim, veio dar uma tonalidade especial ao momento. O Comandante que convidara o Sr. Bispo para celebrar a Missa dominical para a soldadesca, participou juntamente com “a oficialidade de toda a festa e do nosso modesto banquete, além de muitos soldados e de toda a banda do Batalhão. Attilio Cosci termina, afirmando que tudo o que aconteceu na festa do S. Coração, foi um novo triunfo da pobre e rabugenta Thebaida.

guês, história, geografia, aritmética (as quatro operações e o sistema métrico), corografia do Brasil, botânica e escrituração mercantil. O *Curso Superior* abrangia, além das matérias correspondentes ao primeiro ano de madureza, a escrituração mercantil e a mecânica. As condições para o aluno ingressar na Escola eram ter boa saúde e estar entre os onze e quatorze anos. Deviam trazer um enxoval ao que tudo indicava bastante dispendioso.

Atividades religiosas e sociais

Ao tomar posse da Escola S. José, P. Luiz Pascoal tentou imprimir um “modus vivendi” que se assemelhava à vida nos Seminários ou Aspirantados. O Calendário religioso seguido à risca durante o ano, constava em 1908, de 35 celebrações, divididas liturgicamente em Festas de Primeira, Segunda e Terceira Classes, cada uma com suas solenidades e celebrações específicas. Uma das práticas mensais era o Retiro. Para alunos durava cinco dias, enquanto para os Salesianos era de uma semana. Dava-se muita importância aos tríduos preparatórios no início do ano, concluindo-se, com as Confissões gerais. O espírito em paz, a mente e o coração eram requisitos preciosos para se iniciar um tranqüilo e proveitoso ano letivo. Os frades Franciscanos de S. Cristóvão, Frei Joaquim (Guardião do Convento), Frei Leonardo, Frei Benigno e Frei Peregrino (foi também Guardião) muito auxiliavam em todos os momentos solicitados. Aqueles religiosos deram, sobretudo nos momentos das doenças uma assistência realmente fraterna e cristã à comunidade salesiana da Tebaida. Deve-se muito a eles.

Não faltavam diversões como o *Carnaval Salesiano* (com desfile de Zé Pereira, quebra-potes e músicas), as “Festas salesianas”, os passeios²¹ nas cidades e campos, os piqueniques às margens dos rios ou nos montes circundantes (S. Antônio, S. Miguel)²² compunham a rotina do Internato. A primeira “pequena academia” teve lugar a 22 de junho de 1902. Durante o al-

²¹ Os passeios eram chamados gerais, quando duravam um dia inteiro ou simplesmente passeios, se apenas de algumas horas. Em certas ocasiões passavam o dia em sítios de amigos e benfeitores da obra, como no do Coronel José Victor, residente em S. Cristóvão e no sítio Candeadal da Boa Vista do político Yvo do Prado. Esses momentos eram também proporcionadas aos meninos que se distinguiam por comportamento e estudo. Em janeiro de 1910, o Diretor P. Pedro Blangetti e o ecônomo P. Bartolomeu Dolce visitam o Cel. José Victor que estava doente. Vê-se que o relacionamento dos padres tebaidenses alcançava também a raia dos homens ditos poderosos, ou os Coronéis que ajudavam na manutenção das obras sociais. Quando eles cortaram os auxílios, exigindo que também seus filhos fossem educados nas Instituições religiosas ou leigas beneficentes, ou educadores tiveram que aceitar pensionistas que pagavam e assim puderam continuar suas obras.

²² ACSA *Crônica*, 29 de setembro de 1902. Na festa de S. Miguel de 1902, os alunos em um dos passeios pelos tabuleiros da região, perderam-se e não mais encontravam o caminho de volta. A intercessão ao Santo, diz a *Crônica*, fez com que novamente se orientassem e retornassem à casa.

moço os meninos declamaram algumas poesias muito aplaudidas pelos presentes. O dia terminou com uma loteria em benefício dos alunos. Essas loterias ocorriam frequentemente, após as festas constantes da Escola. Faziam parte da estratégia dos padres para ajudar na educação dos jovens carentes. As pessoas admiradas com o rápido progresso dos meninos, não só os aplaudiam, mas também os ajudavam pecuniariamente.

À medida que os anos se sucediam o grupo de músicos e cantores tornava-se mais conhecido, através do Estado, fenômeno aliás também ocorrido na Bahia. Os convites eram constantes para apresentações nas festas religiosas ou profanas das cidades do interior e na Capital. Peças teatrais como *A aposta do Guedes*, *A peça bem pregada*, *Falso amigo*, *O Distraído* (cujo personagem principal era Carlos Leoncio) foram repetidas diversas vezes na Escola e fora. Na ocasião em que os despojos do Mons. Olímpio Campos chegaram a Aracaju, transportados pelo paquete Esperança, os meninos da Tebaida tocaram “lúgubres melodias” e cantaram a *Missa de Requiem*.²³

Os artistas participavam até mesmo das comemorações dos políticos, como aconteceu em agosto e outubro de 1908, com o governo José Rodriguez da Costa Dórea (1908-1911). Na segunda ocasião, em outubro, tratava-se da inauguração dos trabalhos de abastecimento de água da cidade de Aracaju. Nestes momentos crescia o interesse dos homens públicos pela Escola, embora as eventuais ajudas não fossem tão significativas. Em novembro de 1911, decretou-se uma verba anual de 10\$000,00 (dez contos de réis) para a Escola Agrícola S. José.

Noviciado

No início de 1903, o Noviciado que apenas durara um ano em Jaboatão-Colônia, foi transferido pelo P. L. Giordano para a Tebaida. A mudança foi um tanto intempestiva, pois a casa não apresentava infra estrutura para funcionamento de um Noviciado, nem este havia sido aprovado canonicamente. Os Noviços daquele ano tiveram que recomeçá-lo por três vezes, dado que a aprovação eclesiástica foi concluída só em novembro de 1904. Os percalços do Noviciado não foram resolvidos com a aprovação. Em novembro de 1905, não havia mestre, nem assistentes, o Noviciado estava destruído e envolto nas doenças. Todos os noviços enfermos foram no início de 1906, trasladados para a Sede Inspetorial do Recife (1906) e em outubro para Jaboatão - Colônia.²⁴

²³ Cf *O Estado de Sergipe*, 22 de novembro de 1906.

²⁴ ASC F 730 *Tebaida*. Cf também Carlos LEONCIO, *Sete Lustros...*, pp. 50-54.

4. Horário

Um dos problemas nas casas fundadas no Uruguai e Brasil era o horário, a norma era a observância das planilhas de Turim. Este ponto constituiu, em diversos momentos, motivo de aborrecimento, tanto por parte dos religiosos, como dos alunos e funcionários. É um dos assuntos que mais aparecem no rol das críticas apresentadas ao P. Rota quando de sua visita à Escola.²⁵ Os sócios, que não se adaptavam às mudanças do horário, alegavam que era contrário aos costumes locais e aos usos da maioria de outros religiosos do lugar. As mesmas observações foram dirigidas também pelos Salesianos e funcionários da casa da Bahia. Era a repetição dos problemas acontecidos anos antes na Inspeção Uruguaio-brasileira nos tempos de Lasanha e Costamãha, quando por determinação médica, tiveram que seguir os costumes brasileiros-uruguaios, ao contrário do que se ditava em Turim e se observava na Inspeção argentina. P. Rota ao comentar a problemática dos horários não sabe o que dizer e lamenta-se observando que é de se deplorar:

«A pouca ou quase nenhuma uniformidade no horário e nos intervalos entre uma refeição e outra. ...Esses horários não favorecem nem aos trabalhadores, nem aos trabalhos».²⁶

Estranhamente o almoço em Sergipe, era às 10h00 da manhã e a janta às 15h00. Deveria ser realmente insuportável para os locais.²⁷ Observam apenas dois banhos semanais, às quintas, domingos e dias santificados. Coisa inaudita na América tropical. Costumes europeus, de climas temperados, onde não se transpira tanto, transplantados para regiões que oscilam facilmente de 25° a 35°, quanto não aos 40° centígrados. E no Brasil, onde três a quatro banhos por dia são coisas comuns, o banho faz parte da cultura do povo, todos os dias, pela manhã e à noite, antes de dormir. É de se notar ainda o fato de o banho nas quintas-feiras, estar colocado, antes do trabalho e do recreio. Os garotos, iriam pouco depois ao estudo, certamente transpirando odores não muito benignos, mesmo que o “trabalho” não tivesse sido no campo. O horário para ser mudado tinha que ser previamente aprovado pelo Provincial. P. Attilio Cosci, ao escrever a P. Paulo Álbera, segundo sucessor de D. Bosco, deixou-nos uma descrição penosa e sorumbática sobre as horas enfadonhas e tristes dos Salesianos e órfãos na Escola S. José. Ali, os dias passavam monótonos, silenciosos e monacais, ouvia-se apenas o canto dos passarinhos ou o sibilo dos insetos.²⁸

²⁵ O Visitador chegou à Tebaida em 10 de maio de 1908.

²⁶ ASC F 744 De um relatório de P. Rota, sem data.

²⁷ Horário geral da Tebaida, (Ib. *Há outro horário modificado com poucas diferenças em ACSA.R R*)

²⁸ ASC F 744 carta Cosci - Álbera. Tebaida, 2 julho 1919.

5. *Um Calvário sem Tabor*

Os anos da Tebaida foram duros, verdadeiramente tempos de pioneirismo e de desbravamento da terra para funcionamento da Escola. «Muitos eram os trabalhos que exigiam uma pronta execução e não poucas as dificuldades que foram surgindo para embargar a empresa».²⁹ Uma espécie de Mecenas das ciências agrárias, P. Giordano fundador em Pernambuco da Escola Agrícola S. Sebastião de Jaboatão-Colônia, exerceu um papel preponderante na sistematização da nova obra em Sergipe. Para melhorar e aumentar a área cultivável, implantou nos banhados e morros, um sistema de drenagem e distribuição de águas.³⁰ De janeiro a março de 1908, foram realizadas diversas obras no rio Pitanga. Entre elas a instalação de um Carneiro e a construção de um muro para evitar as inundações na época das cheias. O Inspetor-diretor-agrônomo incentivou a adubação da terra, o combate aos insetos, especialmente as formigas³¹ que arruinavam os pastos. Realizou reformas e construções para melhorar as condições de vida dos salesianos e alunos. As casas de taipa, cobertas de palha de coco e o comprido barracão foram melhorados. Esses serviços, alguns deles, também realizados na Escola Agrícola da Colônia de Jaboatão, envolveram grandes dificuldades e força de vontade do P. Giordano. Não faltavam as críticas feitas ao Inspetor-diretor.³² Era vultoso o investimento necessário para viabilizar as culturas na área num terreno em parte colinoso e sáfaro, embora irrigado pelos dois rios.

P. L. Giordano gastou ali somas ingentes em trabalhos colossais, nem sempre com retorno. No entanto o Provincial Pedro Rota defendia seu subalterno das críticas por vezes acerbas que se lhe faziam. O Inspetor, dizia, tem uma visão que outros desconhecem, em se tratando de determinados problemas. Aliás, com o tempo percebeu-se que «trabalhos antes considerados desnecessários e inviáveis, foram de grande utilidade e conveniência».³³ Os grandes trabalhos, dos quais se fala, foram executados principalmente em Sergipe e Jaboatão, com o objetivo de recuperar lugares insalubres, onde havia muita água, para em seguida distribuí-la em outras áreas.

²⁹ *Ib. Escola Agrícola S. José (Tebaida).*

³⁰ Monsenhor Olímpio teria presenteado a Escola com um Cata-vento. Constantemente em concerto, gastava tanto que passou a ser chamado de *Cata-dinheiro*.

³¹ As saúvas mais encontradiças na Tebaida eram as *anófeles faciatas*, transmissoras da malária. Eram as incontestáveis senhoras dos brejos circunvizinhos, dando cabo das plantações agrícolas e de seus esforçados agricultores. Maiores informações em Dicionário Aurélio.

³² Em P. Rota lemos que alguns sócios se queixavam que, enquanto o Inspetor se encontrava na Tebaida, trabalhava-se muito. Por vezes dava contra ordens às suas próprias e às do encarregado, que fazia praticamente a parte de diretor.

³³ Cf ASC F 730 *Tebaida*.

«Aqui, extensos paús que infectavam a atmosfera com as exalações de águas estagnadas: allí pelos tabuleiros, terrenos adustos de pedregulhos, acolá, vastos planaltos onde as plantinhas apenas despontadas morriam à mingua da água vivificadora».³⁴

Outro problema de difícil solução consistia no isolamento em relação às Capitais sergipana e baiana. A situação da estrada era tal, que segundo P. José Blangetti, às vezes era preciso três juntas de bois³⁵ (seis animais) para puxar um carro, “coisa que entre nós (na Itália), até uma vaca magra conduziria”.³⁶ O caminho de ferro que levaria à Bahia e ficaria a um quilômetro ou um quilômetro e meio da escola, conforme as promessas dos políticos regionais, demorou uma eternidade nas pranchetas dos homens³⁷ da Great West. Quando chegou na área da Tebaida, inícios de 1913, passou a uma certa distância das residências, ficando a estação a cerca de três quilômetros do terreno dos padres. Os Coronéis, interessados em que a via cortasse seus terrenos, haviam desviado o traçado. Os Salesianos tiveram que comprar uma área de 30 metros de largura, que ia da Estação à Escola S. José. Naquele corredor construiu-se a Avenida Mons. Olímpio. A estação foi chamada, ora Tebaida, ora Dom Bosco. “Anos depois o mato tomou conta da estrada e de tudo, na velha Tebaida,” conclui sorumbático Carlos Leoncio. O trem, enquanto funcionou, era mais vagaroso do que um lesma, acrescenta P. Attilio Cosci.

P. José Blangetti, encarregado da Colônia Agrícola em 1910, cujo pedido de fechamento da casa fora bochado, deixou-nos um juízo impressionante sobre o sítio onde Mons. Olímpio descansava de suas lides políticas.

«Aqui só existem duas coisas boas: ar e água. Nada mais presta. A casa é de taipa (paus com barro) e de pouca duração. Aliás, uma parte está para cair. Todos dizem que o terreno é ruim, agricultores e não agricultores. Gasta-se muito mais do que aquilo que se recolhe. O lugar é longe de tudo (cerca de 18 km da capital)».³⁸

³⁴ ASC F 730 *Escola Agrícola S. José (Tebaida)*.

³⁵ Seis animais.

³⁶ *Ib.* carta Blangetti - Rinaldi, 26 fevereiro 1910. Cf Anexo II.

³⁷ Em 18 de fevereiro de 1908, aparecem nos terrenos da Escola S. José os primeiros engenheiros, chefes e outros funcionários para medirem as diversas curvas de níveis do terreno em relação ao mar. O mesmo fizeram em relação ao rio Pitanga. Naquela ocasião, informava-se que a estrada Salvador-Propriá vinha cortando os morros da Boa Terra. Em 1905, P. L. Giordano prestara uma homenagem à futurível ferrovia. Em um piquenique às margens do Pitanga, fez um discurso entusiasmado, afirmando que os Salesianos e alunos das Casas da Bahia e Sergipe deveriam juntos homenagearem “a primeira máquina que por aqui passar”. O velho batalhador veria a locomotiva em 1913. (Cf ACSA, *Crônica*).

³⁸ ASC F 730 Blangetti Giuseppe - D. Rinaldi. Carta de 31 de maio de 1910.

6. *Delenda Thebaida*

Algumas das críticas à Escola S. José eram bastante violentas. Os mais radicais pregavam mesmo o fechamento, a destruição da obra. Um de seus conhecedores e defensores era o padre Pedro Rota. Ele achava que «as cosas iam bastante bem», confessando que seu entusiasmo renascia, quando visitava a Colônia. Suas prevenções desapareciam, observando o que se tinha feito, à custa de tantos sacrifícios. Realmente as informações a respeito da fundação do Pitanga mostram que os Salesianos foram verdadeiramente heróis e desbravadores. As dificuldades³⁹ de todos incluíam também a alimentação. No entanto, diziam-se contentes, crendo mais ou menos no futuro. Estas atitudes levavam Rota concluir que em sua opinião, a casa deveria continuar, mesmo porque em se fechando ganhar-se-ia pouco pessoal.⁴⁰

O auxílio governamental inicialmente da ordem de 20:000\$000 (vinte contos de réis) anuais, passou para 15:000\$000 e em 1909 reduziu-se a 10:000\$000. Em setembro as autoridades governamentais suprimiram totalmente a ajuda. Perante a situação criada iniciou-se então um internato para estudantes. As mensalidades destes pensionistas amenizavam as necessidades da Escola. No ano seguinte o internato foi transferido para a capital, onde então teve início com os referidos alunos uma nova obra, O Colégio Salesiano N. Senhora Auxiliadora.

O chefe do Estado, Dr. José Rodriguez Costa Dórea, visita a Escola, acompanhado de numerosa comitiva.⁴¹ O cronista anônimo diz que «a visita foi rápida e deixou impressão pouco sofrível». Chocado com a imagem que observou, ao despedir-se o político diz rápida e secamente, dirigindo-se ao P. José Blangetti: é melhor fechar a escola e trocar de lugar.⁴² Cerca de três meses depois,⁴³ promete-se uma verba de 6:000\$000, notícia depois confirmada por P. Rota.

Atordoado e em pânico, Blangetti faz ao P. Rinaldi uma relação, talvez um tanto exagerada, sobre a situação da obra, implorando que o Superior diga o que deve fazer. Suas lamúrias podem ser resumidas nos seguintes pontos: a casa isolada a dezoito quilômetros da capital está para cair. As subvenções foram cortadas e o governo acha que é melhor fechar a Escola ou mudar de

³⁹ Os problemas se avolumaram a partir do violento assassinato de Mons. Olímpio de Souza Campos, acontecido no Rio, aos 9 de novembro de 1906. O desaparecimento do grande cooperador e primeiro benfeitor, fez a Escola Agrícola S. José entrar em contagem regressiva para o seu declínio, embora seus sete fôlegos durassem ainda vários anos, enquanto apareciam em cena outros agravantes.

⁴⁰ ASC F 545 carta Rota – Gusmano, 10 agosto 1915.

⁴¹ Em 14 de fevereiro de 1910.

⁴² ASC F 358 carta Blangetti – P. Rinaldi, 26 fevereiro 1910.

⁴³ Em Maio de 1910.

lugar. Assim pensam também os benfeitores. As dívidas são muitas com um déficit de L. 19 por dia.⁴⁴ Três meses são passados e Turim continua em silêncio. José Blangetti escreve outra carta, já mais tranqüilo, pois “qualquer coisa havia melhorado”. Falava-se que a estrada de ferro passaria a hum quilômetro e meio da casa e não mais a três. Havia ainda a promessa de que o governo voltaria a ajudar com uma verba anual de 6:000\$000. O Diretor, porém, termina sua missiva um tanto impaciente e fortemente crítico, ao mesmo tempo que pede insistentemente que P. Rinaldi lhe responda,

«ou melhor ainda, que nomeie pessoas sérias para examinar tudo seriamente e não acreditar nas belas palavras de quem não quer que se conheçam as misérias desta casa».⁴⁵

A impaciência e o desabafo deixam entrever que entre José Blangetti e o Provincial havia pequenas rugas. Seu estado de espírito era possivelmente agravado pelas enfermidades que campeavam pela Escola. No final, diz que para cuidar da saúde e para melhor conversar sobre as nossas críticas condições, precisa ir a Itália. Já havia pedido ao Provincial, mas a resposta foi negativa e de modo absoluto. Naquele mês de maio, havia na Escola S. José 23 jovens pobres e 9 estudantes pensionistas. Dois anos antes de seu fechamento, P. Rota resumia assim a história da fundação que tanto entusiasmou Luiz Della Valle e Lourenço Giordano.

«A Escola Agrícola jamais conseguiu sustentar-se sozinha. O governo dava um subsídio de 6 contos ao ano (10 mil liras naqueles tempos); mas o penúltimo Governador não deu nada. A Inspetoria ajudou, fazendo que outras casas mandassem regularmente qualquer coisa. O pobre P. Ghislandi andava daqui e dali, pregando para poder trazer para casa qualquer coisa. No entanto, jamais se deixou de trabalhar e a Escola apresentava uma bela vida, embora quase ninguém se dignasse visitá-la. E assim vivia sua vida mesquinha, raquítica, sempre esperando tempos melhores, que nunca chegavam. Mas, de qualquer modo, não se encontrava motivos suficientes para se fechar aquela casa. Em tais condições, que se deve fazer? Propuz que fosse fechada e tive resposta negativa».⁴⁶

7. O matadouro

Impressionam os acontecimentos negativos que se abatiam periodicamente sobre a Escola S. José. Alguns meses antes da tocaia ao veículo de Mons. Olímpio Campos, as febres palustres desceram incontroláveis e impiedosas sobre habitantes daquela comunidade. No segundo semestre de 1905,

⁴⁴ ASC F 385 carta Blangetti – Rinaldi, 31 maio 1910.

⁴⁵ *Ib.*

⁴⁶ ASC F 730 *Tebaida*, 30 maio 1920. Roma. S R, F 730.

adoeceram, o Diretor, P. L. Pascoal, o Mestre de Noviços L. Della Valle⁴⁷ o assistente Cl. Lukaszewski, os noviços. Doentes e praticamente abandonados, dadas as circunstâncias.⁴⁸ O Provincial estava a cerca de 3.000 km, visitando a Amazônia nos confins da Província. O pessoal da Escola foi atendido pelos frades do Convento dos Franciscanos de S. Cristóvão. O superior da comunidade, Frei Eduardo «vinha confessar, celebrar missa aos domingos e... consolar».⁴⁹ Quando os ataques do impaludismo faziam-se presentes, duas vezes por dia, o caridoso Guardião do S. Cristóvão transportou e atendeu diversos noviços em seu Convento. O diretor da Bahia, P. Clélio Sironi, ao saber do que acontecia ao Norte de sua Comunidade, correu alarmado para assistir seus irmãos. Não podendo ficar ali por mais tempo mandou o P. João Gasparoli para junto dos enfermos.

Salvador Rosário Piccolo era um irmão leigo salesiano. Chegara ao Brasil há apenas dois meses e já fora acometido por grave enfermidade. A conselho do médico Dr. Costa Pinto, foi transportado do Colégio N. S. Auxiliadora de Aracaju para a Tebaidinha, onde se esperava que os ares mais saudáveis facilitassem sua cura. Seu Salvador não resiste e expira,⁵⁰ cantando *irei vê-La um dia*, palavras de um motete mariano muito popular no Brasil. De acordo com o atestado médico o óbito teria acontecido por complicações *de febre remitente biliosa com caracteres típicos*. Um dos padres, escrevendo ao P. Álbera afirma peremptoriamente que a morte do coadjutor foi mesmo de febre amarela. O médico lhe havia segredado que o verdadeiro motivo fora oculto para que não se causasse problemas no Colégio. As pessoas ficariam alarmadas. Através de uma informação de Lourenço Gatti ao P. Gusmano sabe-se que a infecção não teria sido uma indigestão, mas contraída em uma latrina provisória da Tebaida, onde também um jovem teria adquirido o mal, salvando-se por causa de sua *robustíssima tèmpera*. P. Gatti ainda afirma que a Inspeção Higiênica já havia reclamado duas vezes contra as condições daquele sanitário.

P. Pedro Ghisland não dava esperanças de ficar bom, embora em convalescência, fora de casa. Um aluno do Colégio refugiara-se com a família, também acometido pelas febres. Diante da situação o médico foi convidado a fazer uma visita aos doentes da Tebaida. Ao retornar para Aracaju, o profis-

⁴⁷ Havia-se retirado para o Convento dos Franciscanos na cidade de Esplanada (BA), piorando retirou-se para Itália onde veio falecer, em 1914.

⁴⁸ Cf P. Carlos LEONCIO, *Sete Lustros...*, Lorena, S. Paulo, 1967, pg. 53. Ver também ainda Luiz de OLIVEIRA, *Centenário da Presença Salesiana no Nordeste do Brasil*, Vol. I. Recife, Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios 1994, pp. 76-77.

⁴⁹ Cf Carlos LEONCIO, *Sete Lustros...*, pp. 53-54.

⁵⁰ 12 de abril de 1912.

sional, horrorizado fez um juízo drástico e preocupante sobre o ambiente que viu: *aquele lugar é um matadouro*.⁵¹ Os frades do S. Cristóvão não alimentavam idéia muito diferente: não compreendiam como se poderia continuar vivendo num ambiente daquele.

8. Reformas

Não obstante a desolação e a falta de recursos, muito se gastou para se melhorar a vida dos aprendizes da Escola S. José. Quando havia condições fazia-se alguma reforma. Dos anos 1905 a 1909, excluídos 1906 e 1908, a Província carreu para a Tebaida 1.700\$000 contos de réis.⁵² Um pouco antes do onomástico de P. L. Giordano (1918) foram realizadas várias melhorias nos ambientes mais precários: refeitório, cozinha e dispensa, que ameçam ruir. Na ocasião inaugurou-se a Avenida, *P. Giordano*, traçada por ele. Começava próxima à porta da Capela e alcançava a Estação. Outra luz no fundo do túnel tebaidense foi a inauguração de uma nova casa de Farinha. Mais moderna do que as encontradas na região. Era o progresso chegando às mãos daqueles jovens camponeses que pouco a pouco iam aprendendo a tratar os produtos do campo.

P. Attilio Cosci⁵³ retorna à Direção da Tebaida (1919). Em julho, escreve ao P Paulo Álbera, para dar-lhe *notícias sobre esta pobre casa*. Fala sobre as culturas dos campos e o Sistema de educação que já havia dado suficientes provas de eficiência. Attilio tentaria soerguer a Tebaida e uma de suas atribuições era continuar a Capela dedicada a N. Senhora Auxiliadora, iniciada pelo P. Lourenço Giordano em 1904. Cosci trata com P. Álbera sobre a construção da Capela e comunica que está trabalhando para conseguir alguns trocados, a fim de levantar as colunas da mesma. Certamente confiava na Providência, pois a vida estava difícil. Na época, não havia nenhum pensionista, nem entrada fixa. A nota afinada que ainda consola o intrépido missionário são os seus órfãos “piedosos e bons”. Alguns deles poderiam ser comparados com Domingos Sávio.⁵⁴

9. Um vizinho prepotente.

P. Giordano sustentou uma séria e incômoda questão fundiária com um

⁵¹ ASC, Roma. F 730 carta Carta do P. Lourenço Gatti ao - P. Gusmão. Aracaju, 14 de julho de 1912.

⁵² ASC F 358. *Rendicontos do Inspetor*.

⁵³ No fim de 1912, foi mandado para a Escola S. José, pelo “quase irmão” P. Rota. Tentaria soerguer a Tebaida, no entanto logo depois no ano seguinte retorna ao Sul. Vamos encontrá-lo trabalhando na formação em Luiz Alves, Estado de Santa Catarina.

⁵⁴ ASC carta Attilio Cosci - Álbera, Tebaida, 2 julho 1919.

“vizinho prepotente”, Heitor Cisneiros de Albuquerque. O cidadão alegava ser o verdadeiro proprietário da área adquirida para se construir o acesso entre a Estação Tebaida e as Casas da Escola. Invadiu a gleba, cercou-a com arame farpado, soltava seus animais e “roubava” a madeira. Criou-se um grave problema, pois de nada serviram as tentativas de solução amigável. A diatribe foi terminar nos tribunais, protelando-se por diversos anos, enquanto os Salesianos gastavam somas que não podiam com advogados e procuradores⁵⁵ Heitor Cisneiros era homem de prestígio fazia parte da coronelância local, das oligarquias da República Velha. Tinha entrada no Tribunal de Justiça de Aracaju. Podia e toparia a briga com os gringos da Tebaida, *os filhos da Calábria*. Tanto mais que o partido dos padres estava em baixa. Após os acontecimentos ligados ao assassinato do Monsenhor Olímpio de Souza Campos, o clero não gozava de muita cotação na Praça. Os artigos dos jornais, publicados por ambas as partes, acusavam os salesianos, alimentavam as piadas e jogavam lenha na fogueira, acirrando cada vez mais os ânimos. Dizia-se, entre outras afirmações, que na Tebaida nada se ensinava, que os padres “se locupletavam com os serviços dos menores”, “os alunos eram poucos”. Os religiosos eram chamados de *hordas de aventureiros, corja de parasitas, filhos da Calábria* (mafiosos), *serpentes*.

Finalmente aos 29 de setembro de 1918, o Juiz de Direito da 1ª vara,

«sentenciou nos autos da acção ordinaria proposta pelo padre Lourenço Giordano contra Heitor Cisneiros, mandando que este restituia aquelle os terrenos de que se acha de posse indevidamente retirando a cerca e suspendendo definitivamente a destruição das mattas e capoeiras existentes nos mesmos terrenos (Thebaida), condemnando o réo Cisneiros a pagar, pelo que for apurado, a importancia das mattas e capoeiras destruidas, juros da mora e custas, ficando o autor padre Lourenço Giordano mantido na posse e gozo dos terrenos por lhe pertencerem».⁵⁶

Ao partir para o Rio Negro, L. Giordano, novo Prefeito Apostólico, nomeado em 1916, viajou satisfeito pois era já conhecedor da resposta da Justiça. Todavia, os Salesianos só conseguiram alguma coisa, através de um acerto amigável com o “vizinho prepotente”. Irreconciliável com o P. Giordano, Cisneiros esperou sua viagem para a Amazônia para se aproximar “quase espontaneamente” dos Salesianos que embora, lesados fizeram um acordo, pelo qual,

«conseguimos que ele nos rehouvesse o terreno de que realmente precisávamos para termos nossa estrada livre e direta até à estação e nós

⁵⁵ ASC F 730 carta de P. Rota - Calógero Gusmão, Bahia, 10 de agosto de 1915.

⁵⁶ ASC F 730. Cosci - P. Álbera, 02 julho 1919.

lhe cedemos um pasto muito útil para ele, mas para nós de nenhuma utilidade». ⁵⁷

10. Mudança de governo

O novo governo de José Joaquim Lobo (1918-1922), parecia um pouco mais favorável e de boas intenções. Naqueles dias P. Rota, escreve ⁵⁸ da Bahia ao padre Pedro Ghislandi, dando-lhe algumas instruções sobre a Tebaida. Entre outras pedia que fosse até ao novo governador e lhe fizesse ver da impossibilidade de os Salesianos continuarem na Escola, sob as condições atuais. O Inspetor então, parecia mesmo decidido a fechar a Colônia, vez que autorizou P. Pedro Ghislandi a dar conhecimento ao primeiro mandatário do Estado que se as coisas não melhorassem a *Congregação ver-se-ia na dura necessidade de fechar a Escola*. Dias depois o Governador visita a Tebaida, acompanhado por várias autoridades. Saiu satisfeito e prometeu ajudar a Escola. Suas impressões ficaram exaradas no Livro dos visitantes. Um dos resultados positivos da visita foi o início do cumprimento das promessas de ajuda. Parte dos débitos atrasados do Estado para com a Escola foram pagos. P. Cosci satisfeito escreve ao P. Álbera:

«o governo do Estado nos desprezou por longo tempo, mas o atual presidente do Estado visitou a Escola e ficou tão satisfeito que logo nos deu um subsídio. Se o governo continuar seu apoio creio que em pouco tempo nos reergueremos». ⁵⁹

A casa na época estava *em estado quase deplorável, quase em ruínas*. Com as esperanças das ajudas prometidas, pensou-se em se realizar alguma melhoria nos ambientes. Fez-se um cálculo do montante a ser gasto. O resultado porém, foi decepcionante, dada a desproporção entre o que se precisava fazer e o que se esperava receber como auxílio. A conclusão a que chegou é que se estaria diante de mais um peso para a comunidade. Assim, o assunto das reformas foi encerrado. Ghislandi, em face à dura realidade, resolve escrever ao Governador Joaquim Lobo. Trata de vários assuntos: da história da Tebaida, dos esforços da Congregação em manter ali os mais competentes salesianos, das enormes somas jogadas sem retorno, dos problemas de saúde. E conclui afirmando que:

«A Congregação Salesiana se encontrava na iminência de fechar a Escola, destinando os poucos alunos (uns 20) a qualquer outra nossa casa ou restituindo-os às famílias». ⁶⁰

⁵⁷ ASC, *Ib.* A Tebaida, 30 maio 1920. Pasta sobre a Tebaida.

⁵⁸ ASC F 545 Carta Rota - Ghislandi, Bahia, 9 fevereiro 1919.

⁵⁹ ASC F 730 carta Cosci-Álbera, 2 julho 1919.

⁶⁰ *Ib.* A Tebaida. Não foi encontrado o original da correspondência de Ghislandi ao Go-

A comunicação do Diretor foi interpretada no Palácio do Governo como um ultimato dos Salesianos sobre a Escola S. José. P. Rota no início do mês viajara para o Norte, onde colheria informações mais detalhadas sobre a morte de Mons. L. Giordano. No entanto, em Manaus teve conhecimento do conteúdo da missiva de Pedro Ghislandi e da reação do Governo. O Diário Oficial de Sergipe veiculara a notícia sobre a situação da Escola, tendo o Governo interpretado o documento como praticamente o encerramento dos trabalhos dos Salesianos no local. O Provincial ficou surpreso. Diante do fato tenta explicar a atitude do P. Pedro Ghislandi.

«Passei pela Bahia no dia 09 de fevereiro, dali escrevi uma carta ao P. Ghislandi que me pedia instruções. Escrevi rapidamente ... e vejo que ele interpretou a coisa de modo mais explícito e foi logo ao positivo. Considero que ele não fez isto para ver-se livre daquele peso, porque P. Ghislandi era bastante afeiçoado à Tebaida. Certamente ele era de acordo, antes, acreditava ser encarregado de agir daquele modo. Eu não posso dizer outra coisa, porque não sei como o Governador viu a coisa, sendo que o Diário Oficial simplesmente apresenta o documento sem fazer nenhum comentário».⁶¹

II. Transferência para Aracaju

1. O Oratório da “Tebaidinha”

As condições na Tebaida jamais foram propícias à organização e manutenção de um Oratório Festivo. As residências eram escassas e distantes umas das outras, dificultando as reuniões dos poucos jovens existentes.⁶² Por isso mesmo, os salesianos sempre esperavam pela fundação de uma obra na Capital, onde se encontravam muitos meninos e jovens, carentes de assistência religiosa. P. Lourenço Giordano informa que em 1907, trabalhava-se para fundar o Oratório festivo de Aracaju. Seu funcionamento teve início no ano seguinte com poucos meninos. Chamava-se “Tebaidinha” ou “Recreio da Infância”. No título “Oratório festivo”, das prestações de contas enviadas a Turim, P. Giordano deixou-nos a partir de 1903, até 1909, a caminhada progressiva inicial da Obra dos Oratórios em Sergipe.⁶³ A última informação (1909), registra que foi aberto o Oratório festivo de Maria Auxiliadora em Aracaju. Os jovens que se

vernador José Joaquim Lobo. O fato é descrito pelo P. Rota no relatório *A Tebaida*, de 30 de maio de 1920.

⁶¹ ASC F 730. *A Tebaida*, 30 maio 1920.

⁶² Ainda em 1999, pode-se constatar como são raras as casas em torno da região, havendo mais habitações nos arredores de S. Cristóvão.

⁶³ ACSA F 744 *Crônica*.

apresentavam eram mais de trezentos, a frequência cerca de cem, enquanto que muita gente do povo vinha assistir as funções da manhã e da tarde.

«Em 15 de agosto, abre-se solenemente em Aracaju, em terreno adquirido à Rua da Aurora pelo P. Giordano, um Oratório festivo chamado Tebaidinha, talvez por ser refúgio dos remanescentes da antiga Tebaida».⁶⁴

A Crônica sergipana⁶⁵ registra que no dia 14 de agosto, os meninos e cantores da Tebaida, acompanhados pelo Provincial e o Diretor foram para Aracaju, a fim de inaugurarem o Oratório Festivo de N. Senhora Auxiliadora, “a qual inauguração teve lugar no *dia seguinte*”. A expressão dia seguinte dá a entender que o Oratório foi inaugurado no dia 15 de novembro e teria iniciado na Rua da Aurora.

2. O Colégio da Rua da Aurora

As dificuldades de manutenção dos aprendizes da Escola Agrícola, como também a insistência de vários pais de família, levaram o novo diretor, P. José Blangetti a abrir na Tebaida uma sessão de alunos pensionistas. Esses internos e externos pagantes, dos cursos primário e secundário colaborariam no sustento dos aprendizes gratuitos. Em 1911, este grupo de alunos, foi transferido, ainda a pedido das famílias, para a Capital, fundando-se então O Colégio de Nossa Senhora Auxiliadora, inaugurado a 1º de março,⁶⁶ à Rua da Aurora, também chamada na época Rua da Frente ou Ivo do Prado.⁶⁷ O imóvel era uma casa alugada, às margens do rio Cotinguiba que separa Aracaju da Ilha da Barra dos Coqueiros. Bem próximo dali o Cotinguiba mergulha no mar. Os ventos do Tenebroso Netuno, quem sabe, afugentariam os miasmas deletérios das enfermidades tropicais.

A Capital não dispunha de Colégios, havendo outro estabelecimento protestante, que não estava bem. Falava-se mesmo de seu próximo fechamento. No primeiro ano de funcionamento foram matriculados 64 alunos dos quais 17 internos. O Estabelecimento teve de imediato boa aceitação, passando a receber desde os filhos do Governador, àqueles de outras autoridades

⁶⁴ Cf ASC F 385 Olavo ALMEIDA, *Riassunto storico*; cf também Carlos LEONCIO

⁶⁵ ACSA *Crônica de 1908*, dias 14 - 18 de novembro.

⁶⁶ Cf Carlos LEONCIO, *Sete Lustros...*, p. 82; Luíz OLIVEIRA, *Centenário...*, p. 107.

⁶⁷ O primeiro Colégio Salesiano de Aracaju, situava-se onde atualmente (abril de 1999) está o (velho) Mercado da Cidade. Está para ser inaugurado um novo Mercado (projeto arquitetônico de uma ex-aluna do Colégio N. Senhora Auxiliadora de SE), a poucos metros do antigo. A Rua da Aurora de antanho, compreende atualmente três trechos: a Otoniel Dórea, do Mercado Velho ao antigo prédio da Receita Federal, na Praça Gal. Valadão; a Av. Rio Branco, do prédio da Receita Federal à Praça Fausto Cardoso e o terceiro trecho a Av. Ivo do Prado, da F. Cardoso a Av. Augusto Maynard.

tais como *magistrados, usineiros e comerciantes* e do povo em geral. Os filhos da elite social sergipana passariam a contribuir com suas mensalidades para a instrução e formação dos sem elite e sem futuro. Diversos pedidos de matrícula foram rejeitados e o P. Giordano chegou a desautorizar novos ingressos de alunos «para não aumentar o trabalho do escasso pessoal salesiano». Os ambientes apertados não comportavam mais de 50 externos, o que totalizaria 67 alunos, diz o Vice-diretor e Conselheiro Escolar P. Solari.

«O presidente do Estado⁶⁸ nos estima muito. No ano passado, durante a distribuição dos prêmios aos nossos alunos, como não tínhamos salão para realizarmos a pequena academia, pedi a ele um salão e ele me deu nada mais nada menos que o salão, onde se reúne a Assembléia Legislativa, após tê-lo enfeitado com bandeiras e flores. Não podendo assistir à festa mandou seu secretário para representá-lo. Colocou à nossa disposição a banda de música do Batalhão».⁶⁹

A sessão foi presidida pelo grande amigo dos salesianos, o senhor Bispo Diocesano, Dom José Thomaz Gomes da Silva.⁷⁰ A imprensa fez *os maiores elogios*. Segundo P. Solari, «“todos os jornais a uma, escreveram que uma festa como aquela, jamais aconteceria em Aracaju”, acrescentando que. “tudo aquilo contribuiu para enaltecer o nome salesiano em Sergipe”».

Não foi necessário muito tempo, para que se percebesse que o imóvel da Rua da Aurora não suportava, como na velha mansão baiana de José do Pinho, as mais comezinhas exigências de um estabelecimento de educação. O Colégio aumentava, os pedidos de matrícula eram contínuos e não podiam ser atendidos pela diretoria. P. Giordano, Inspetor e Diretor de ambas as obras (Tebaida e Rua da Aurora) teve que procurar outro local para instalarem mais uma vez o Colégio N. S. Auxiliadora.

3. *O Colégio da Pacatuba/Maruim*

O prédio de primeiro andar encontrava-se um pouco além do centro da cidade. Não era o ideal, no entanto P. Giordano alugou-o, enquanto que os Salesianos, adiantando-se no tempo, moravam em uma residência próxima. Brincadeiras da história. O novo Colégio era a casa onde havia falecido Fausto Cardoso. Seu assassinato ocasionara tal celeuma política, que seus correligionários, terminaram por eliminarem também o maior benfeitor dos Salesianos em Sergipe, Mons. Olímpio Campos do partido contrário. O Colégio da Pacatuba⁷¹

⁶⁸ Cel. Pedro Freire de Carvalho (1911-1914).

⁶⁹ ASC F 744. Aracaju, 10 maggio 1912.

⁷⁰ Rio Grandense do Norte, nasceu em 1873. Foi o primeiro Bispo da Diocese de Aracaju, criada em 1910.

⁷¹ Comunidade salesiana: *Inspetor*, P. Pedro Rota (da Inspetoria Brasil Sul/Norte). Dire-

era mais central, embora deixasse a desejar no referente à higiene e ao asseio, sobretudo por causa dos galinheiros que existiam nas vizinhanças. Mesmo assim a matrícula aumentou e até maio de 1912, eram 38 os internos e 86 os externos. Logo se percebeu que, com o andar da carruagem, o Estabelecimento não poderia funcionar nem desenvolver-se. Não havia condições físicas para tal. Todos olhavam o futuro e aquele local não tinha amanhã.

No ano seguinte (1913) P. Aníbal Lazzari é nomeado Diretor. Sua chegada em Aracaju deu-se aos 26 de janeiro. Aparecia, *envolto em terríveis apreensões...esperando compaixão e ajuda eficaz*. Dias depois de se instalar e observar o posto de sua missão, escreve ao P. Álbera uma carta lamuriosa, e prenhe de revolta. Não se encontrava satisfeito com o modo pelo qual lhe foi dada a notícia da transferência para Aracaju. No entanto, obedece *cegamente confiado na lealdade do Superior*.

«Encontrei os vários edifícios alugados carentes das condições indispensáveis, seja no que diz respeito ao seu desenvolvimento ulterior, seja no concernente à higiene e à própria moralidade de uma casa de educação».⁷²

O novo Diretor, descreve o calor sufocante dentro das exíguas e escuras repartições do Colégio, da sua infelicíssima posição e sobretudo dos odores nauseantes que exalam *dos galinheiros etc, que o circundam por toda parte*. Lembrava filme de índio... Recorda a morte do coadjutor Salvador Piccolo, atingido pelas febres e chama a atenção para outros cinco salesianos que se *encontram quase ineptos para o trabalho*. Reforçando sua idéia aponta alguns motivos que, segundo ele urgiam a mudança do Estabelecimento: aluguéis atrasados, débitos com fornecedores, isolamento com as demais casas salesianas, impossibilidade física do Colégio receber mais alunos. As razões aduzidas podem ter apressado a transferência para a Tebaidinha. A cidade foi novamente vasculhada em busca de um outro prédio. Não se encontrando local apropriado, pensou-se em um retorno à Tebaida ou mesmo para a Rua da Aurora. Aníbal achou melhor ir para a Tebaidinha, «lugar ameno e salubre que oferece vasto campo para o desenvolvimento posterior», onde havia meninos e “onde funcionava desde 1908 o Oratório festivo”.⁷³

A resolução tomada pelos líderes da Inspeção motivou um pedido de

tor, P. Lourenço Giordano. Prefeito, P. Lourenço Gatti .Conselheiro, P. José Solari (como Vice-diretor, exercia também a função de Diretor). Confessor, P. Pedro Ghislandi (pertencia à casa da Tebaida). Coadjutor, Olavo Almeida e clérigo Luiz de Brito. Trienais, Clérigo Nestor Alencar e coadjutores Júlio Cavalcanti e Rosário Piccolo (morto dois meses mais tarde na Tebaidinha).

⁷² ASC F 385 carta Lazzari - Álbera, s. d. (início de 1913). As últimas palavras da citação P. Aníbal as copiou da *Memória* deixada pelo Inspetor Rota, na visita de 1912. Cf também ASC. F 385, *Riassunto Storico*...

⁷³ Carlos LEONCIO, *Sete Lustros...*, p. 83.

L. Giordano ao P. Gusmano Calógeras. Deveriam conseguir licença para continuarem a construção de uma obra iniciada pelo P. José Blangetti na Tebaidinha. Assim, melhorariam os ambientes para receber a instalação do Colégio.⁷⁴ P. Gusmano Calógeras passou o pedido ao P. Clemente Bretto,⁷⁵ a fim de que o mesmo o propusesse ao Capítulo Superior.⁷⁶ Obtida a permissão, deu-se início em 8 de setembro de 1913, à continuação de prédio, ficando os trabalhos concluídos em fins de novembro. O P. Inspetor enviou um auxílio de 6:000,00; o Colégio do Recife emprestou 3:000,00; e o sr João Cardoso Aires (padrinho de Missas do P. Aníbal Lazzari) enviou 1:000,00 do qual dispensou o pagamento. Aos 30 de novembro efetuou-se a mudança para o novo ambiente. A imagem da Virgem Auxiliadora foi acompanhada por uma multidão de fiéis, devotos da Santa e admiradores de seus religiosos. Um dos clérigos diocesanos, presente, à procissão, foi o Cônego Adalberto Vieira Sobral, devoto de Nossa Senhora e amigo dos Salesianos.

4. *O Colégio da Tebaidinha.*

O isolamento do bairro periférico, a carência de meios de transportes adequados influenciou negativamente no número de alunos dos primeiros anos. Com efeito em 1914, foram apenas 10 internos e 15 externos. Os oratorianos ao invés, cresceram substancialmente. No Domingo da Páscoa estavam presentes 150, *todos pobres*. Outro aspecto positivo foi que a distância do estabelecimento, fora do barulho e das distrações próprias do centro da cidade, favoreceu a aprendizagem. A mudança para Tebaidinha influenciou positivamente também na Comunidade religiosa. Pode trabalhar mais tranqüila, sentindo-se finalmente em um local definitivo. Os trabalhos pedagógico-pastorais seguiram seus ritmos sem muitos problemas, pelo menos parece. Um dos fatos que na ocasião mais empenharam a atividade salesiana, seus colaboradores e destinatários foi a celebração do Centenário da Instituição da Festa de N. Senhora Auxiliadora, em 1915. O evento foi comemorado com uma bonita festa no dia 23 de maio. Compareceram ao acontecimento pessoas de diversas partes da capital e do interior do Estado.

A jovem instituição crescia em idade, fama e adequação aos tempos. Duas grandes benfeitorias foram realizadas, em 1917. A instalação da água

⁷⁴ ASC F 730 carta Giordano - Gusmano. Tebaida, 17 abril 1913.

⁷⁵ Nasceu em Turim em 18 de junho de 1855, morreu na mesma cidade em 25 de fevereiro de 1919, enquanto era ecônomo geral. Na época era o Ecônomo Geral. Quando em 1910, faleceu o ecônomo P. Bertello, o novo Reitor Maior P. Álbera chamou-o para sucedê-lo, até a eleição quando da reunião do Capítulo. Explodindo a guerra, P. Clemente Bretto continuou no Economato até à morte.

⁷⁶ ASC F 744 carta Giordano - Gusmano, 17 abril 1913.

encanada e a luz elétrica o que facilitou em muito a vida de educadores e educandos. Neste particular deve-se agradecer o auxílio dos Generais Manuel de Oliveira Valadão, Governador de 1914 a 1918 e José Joaquim Lobo, Chefe do Governo de 1918 a 1922, bem como ao Dr. Alfredo de Paiva Melo.

No entanto, os problemas de saúde não haviam desaparecido de todo. Precisamente no ano do término da I Grande Guerra, uma epidemia geral de febre, “a febre espanhola” assolou as cidades brasileiras. Aracaju não ficou isenta. Em outubro, as autoridades sanitárias do Estado ordenaram o fechamento sistemático de todos os educandários. Embora o Colégio não tivesse sido atingido pela moléstia, não obstante, a Diretoria atendeu prontamente a ordem emanada pela Inspetoria de Higiene. As repartições do Colégio foram postas à disposição da soldadesca do Quadragésimo Primeiro Batalhão de Infantaria, também atingidos pela malária. O gesto dos Salesianos foi motivo de um pronunciamento na Assembléia Legislativa por parte do Presidente do Estado Gal. Oliveira Valadão. Os Padres Aníbal Lazzari, Antônio Vellar e Epifânio Borges desdobraram-se nos atendimentos domiciliares, atendendo os enfermos. Os cooperadores dos oratórios da Tebaidinha e do Oratório Venerável Dom Bosco (Da. Bebê) desvelaram-se andando de casa em casa, encorajando os doentes, levando-lhes remédios e alimentação fornecidos pelo Colégio, além de uma palavra de esperança cristã.

P. Lazzari pede autorização (1918) para construir a Igreja do Oratório. Sua carta inicia expondo ao P. Giordano, « o primeiro a anunciar a intenção dos salesianos em construir o templo» o interesse da população de Aracaju pela futura Casa de oração. A construção de um local mais adequado para as Missas e funções do Oratório, freqüentado também pelo povo, era uma necessidade urgente. Certa feira o senhor Bispo Diocesano, Dom José Thomás referira-se à capela existente com as seguintes palavras: «a pequena capela que existe é de uma insuficiência desoladora».⁷⁷ A adesão das pessoas em torno da idéia girou não só em termos de campanhas oracionais, mas também quanto ao aspecto financeiro do empreendimento. A imprensa se encarregou de divulgar as quermesses realizadas em prol da obra. As famílias e autoridades teciam comentários elogiosos ao trabalho dos Salesianos nos dois Oratórios. A formação política ministrada aos meninos que se apresentavam garbosamente nos desfiles do Sete de Setembro era altamente apreciada pelos homens públicos.

Aníbal Lazzari insiste em obter a permissão para iniciar os trabalhos e argumenta que P. Giordano com sua influência converse a propósito com o Inspetor P. Rota e com P. Álbera. Pelo menos concedam-lhe a autorização para que possa recolher esmolas com aquela finalidade, assim procederá com

⁷⁷ ASC, Roma. F 385 carta Aníbal Lazzari - Giordano, Aracaju, 10 setembro 1918.

mais segurança. Parece que chegou o tempo oportuno, diz P. Aníbal. Não podemos continuar inermes diante «deste movimento, com efeito espontâneo, seria escandaloso», até porque na época, apareciam os espertos que pediam esmolas em nome do Oratório da Tebaidinha. «De vez em quando aparecem vigaristas e recolhedores de esmolas em nosso nome e recebem sempre». P. Giordano passou a missiva ao P. Álbera, que ao examiná-la acrescenta de próprio punho no início da mesma: «pode-se conceder a licença que pede».

Mil novecentos e dezenove é o último ano do P. A. Lazzari na direção do Colégio N. Senhora Auxiliadora de Aracaju. Quem diria que o chorão de 1913, passasse seis anos dirigindo aquela casa de educação. Parafraseando Euclides da Cunha, direi que A. Lazzari era antes de tudo um homem forte, corajoso, que gostava de enfrentar os problemas. Não fosse assim, não teria deixado Aracaju, para assumir a direção do Sagrado Coração do Recife. Antes porém de deixar Sergipe, continuou o aterro do pátio interno, *invadido por extensa lagoa*, a demolição de grande parte do monte de areia que ocupava o terreno e a construção quase completa do muro ao redor do Colégio. O internato em 1919, acolheu 50 internos e, dada a deficiência de transporte, matriculou somente 11 externos.

P. José Selva⁷⁸ é nomeado para a direção do Nossa Senhora Auxiliadora de Aracaju. O Diretor, a partir de 1920 até o início de 1931, foi o padre José Selva. Vinha do Orfanotrófio S. Joaquim, no interior de Pernambuco. Deu andamento e concluiu a terraplanagem dos pátios, aterrou a extensa lagoa das vizinhanças do Colégio, construiu salas de aulas, cozinha, refeitório e a parte onde atualmente se encontra a Matriz de Nossa Senhora Auxiliadora. A Leste da quadra, erigiu um pórtico bastante amplo, onde nos últimos anos da década de 1980, foi construída a parte mais moderna do Colégio. P. José Selva realizou ainda a perfuração de um poço artesiano, cuja água potável era bombeada, através da força eólica que movimentava um cata-vento. Tentando atrair antigos alunos do Colégio e do Oratório fundou o Círculo “Auxilium”. O grupo funcionou durante quatro anos, promovendo reuniões domiciliares, Missas, teatros e festas religiosas. Os alunos no entanto, continuavam em pequeno número. O grande empecilho para o deslanche das matrículas era a deficiência das vias de acesso ao local. As matrículas alcançaram significativo número, a partir de 1923, quando melhoraram as vias de comunicação, implantando-se a linha de bondes que alcançou as vizinhanças do Colégio.⁷⁹ Os internos passaram a 73 e os externos foram mais de uma centena.

⁷⁸ Diretor de 1920 - 1931, quando é transferido para o Recife. Em 28 de agosto de 1932, é nomeado Inspetor do Norte do Brasil, então denominada Inspetoria Salesiana S. Luiz de Gonzaga do Norte do Brasil.

⁷⁹ ASC F 744. Olavo de ALMEIDA, *Riassunto Storico...*

5. O Oratório Venerável Dom Bosco

Uma outra fundação de cunho sócio-pastoral, cuja origem e desenvolvimento teve a presença direta dos salesianos de Aracaju, foi o denominado Oratório de Da. Bebé. Fazia-se necessária uma obra que cuidasse das meninas. O P. Aníbal Lazzari sentia e se preocupava com o problema. Enquanto aguardava a presença das Salesianas, resolveu, juntamente com uma jovem dinâmica e caridosa, chamada Genésia Fontes, iniciarem uma pequena obra social destinada exclusivamente às meninas. Chamou-se *Oratório Dom Bosco*,⁸⁰ fundado em 16 de agosto de 1914.

O começo foi árduo e fadigoso, mas Genésia Fontes enfrentou as dificuldades e começou o trabalho. P. Aníbal, coordenador da obra, e a generosa senhora montaram seu primeiro Oratório numa sala de uma casa particular, pertencente a uma senhora chamada Ceciliana,⁸¹ humilde charuteira que vivia no bairro do Quebrado, na área do atual S. José. Na saleta as meninas recebiam aulas de religião e no quintal da residência faziam recreação. Missas, Benção do Santíssimo e Primeiras Comunhões eram feitas no Colégio N. Senhora Auxiliadora, cujo diretor era P. Aníbal. Algum tempo depois o desenvolvimento urbano invadiu o quintal de Da. Ceciliana e o grupo das meninas teve que procurar outro local. Após uma série de dificuldades, a extraordinária Bebé, conseguiu com seu trabalho e economias comprar uma humilde casa de taipa no bairro da Cirurgia, esquina da Rua Dom Bosco com Desembargador Maynard. O imóvel, coberto com folhas de coqueiro, foi adaptado internamente, tornando-se um pouco mais funcional. Pela manhã, as meninas tinham aulas do Curso Primário e à tarde, Catecismo e trabalhos manuais. Em 1919, teve início no Oratório D. Bosco, um pequeno orfanato. Os Salesianos continuaram presentes, com sua assistência espiritual e material à obra. Em 1920, inaugura-se um novo prédio, cuja planta foi desenhada a pedido do P. José Selva, substituto de P. Aníbal Lazzari.⁸²

Não sendo possível até o momento, a presença das Irmãs Salesianas em Sergipe, como também desejava Dona Bebé, o Oratório Dom Bosco foi entregue às Camilianas. Assim, desde março de 1952, que as caridosas Irmãs de S. Camilo vêm dirigindo o Oratório da Bebé.⁸³

⁸⁰ Conhecido também por Oratório Venerável Dom Bosco, Oratório da Bebé ou Dona Bebé.

⁸¹ Algumas destas informações foram colhidas em apontamentos feitos pelo Prof. Luiz de Oliveira.

⁸² Cfr. Luiz de OLIVEIRA *Centenário da Presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil*. Vol. II. Recife, Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios 1994, pp.78-81.

⁸³ Genésia Fontes ou Dona Bebé faleceu aos 14 setembro 1960.

Conclusão

No fecho do presente estudo podemos perguntar porque a Escola Agrícola S. José da Tebaida não deu certo. Porque os seus técnicos agrários, capacitados por Lourenço Giordano não conseguiram seu intento e hoje sua história é apenas lembrada, enquanto vão sumindo os alicerces de suas quase centenárias construções e morrendo inexoravelmente as vetustas árvores que engalanavam suas longas e históricas Alamedas?

Poderíamos assinalar alguns fatores como fundamentais no ocaso daquela fundação de 1902 no Norte do Brasil: a falta de recursos, um terreno sáfaro, a mentalidade do povo. A Tebaida não podia vingar porque além do mais era contra a nossa história, nossa tradição e nossa cultura. Trabalhar no campo é um tanto quanto pejorativo, servil e humilhante. O ideário popular excomunga o campo. Cultivar a terra é uma atividade própria de escravo, ou quem não quis ou não teve condições de aprender a ler e escrever. As famílias queriam e querem seus filhos, não armados de enxadas ou foices mas, deixando as Faculdades, embora despreparados, ostentando anéis nos dedos e canudos enrolados nas mãos, onde se encontra escrito o título de “Doutor”. O lugar deles é o escritório, engratados e de colarinho branco.

Os técnicos agrícolas da sofrida Tebaida tinham ideal e boa vontade. Faltava-lhes porém o entendimento histórico e psicológico de um povo, ainda chagado, revoltado e com certa carga de complexo com sua história, feita em parte por uma raça seqüestrada além mar, para ser humilhada e martirizada do outro lado do Atlântico. Por estas razões as Escolas Agrícolas entre nós mesmo em outras áreas do país, não decolaram para grande vôos. As Escolas Comerciais, ao contrário escreveram outra história.

O assunto Tebaida certamente não foi esgotado. Esperemos que outros pesquisadores possam iluminar certas sombras que ainda existem. E respondam satisfatoriamente à indagação surpresa do frade de S. Cristóvão que não compreendia como se continuava a viver em um lugar como aquele.⁸⁴

⁸⁴ O Acesso às antigas terras da Tebaida e à estação de ferro em ruínas é feito hoje, através de estrada de terra, deixando-se a via estadual asfaltada que liga Aracaju a S. Cristóvão, parte da antiga trilha existente no início do século, segundo me foi informado. Um entroncamento na BR 101 (Aracaju - Salvador) conduz também à antiga Capital do Estado, que exhibe ainda seus edifícios coloniais e o velho Convento dos caridosos irmãos Franciscanos. Dali, após atravessar a cidade continua-se pelo mesmo acesso mencionado anteriormente, ligado à estrada local, Aracaju/S. Cristóvão. Este percurso deve ter cerca de quatro quilômetros. Passa sobre o Pitanga e antes de se atravessar a linha, à esquerda, uma parte corre paralela aos trilhos, até alcançar a Estação Tebaida, a mais ou menos duzentos metros. Ao se chegar aos alicerces da pequena parada ferroviária, ao lado direito dos trilhos, na direção Leste, seguindo inicialmente por um suave declive, encontrava-se a Avenida que ia ter às casas da Escola do P. Giordano. As colinas circunvizinhas, escalvas ou com alguns arbustos tristes e mirrados, mostram

ANEXOS

I

A Tebaida e seus nomes

A Escola Agrícola São José da Tebaida era motivo de comisseração por parte dos que a conheciam ou dela ouviam falar. Parecia mais um objeto de bamboleio, uma coisa enfeitada que se é obrigado a reter. Querida e odiada ela continuava sua caminhada, pontilhada de tapas e beijos.

- 1 Lugar pedregoso e insalubre. P. Pedro Rota 1908.
- 2 Aqui de bom, só o ar e a água. O resto é tudo ruim. José Blangetti ao P. Rinaldi em janeiro de 1910.
- 3 Aquilo é um matadouro. Do médico que a visitou a Tebaida, em setembro de 1912.
- 4 A Tebaida de P. Giordano. P. Rota ao P. Gusmano, agosto de 1915
- 5 Esta pobre e rabugenta Tebaida. Do padre Pedro Ghislandi ao P. L. Giordano em 26 de outubro de 1918.
- 6 Esta pobre casa. P. P. Ghislandi.
- 7 O meu Calvário. P. Attilio Cosci ao P. Álbera em julho de 1919.
- 8 Pobre Tebaida. Do P. Zanchetta.
- 9 A delenda Tebaida. (a Tebaida que deve ser destruída, que deve desaparecer). Atribuída pelo P. Rota a alguns que não simpatizavam com a fundação.
- 10 A Velha Tebaida. Carlos Leôncio, noviço na Tebaida.
- 11 Aquele peso. P. Rota.
- 12 Esta pobre casa. P. Attilio Cosci. Carta ao P. Álbera, Tebaida, 2/7/1919.
- 13 Escola Agrícola Abandonada. Della Valle após visita de reconhecimento ao local, em 1902.

II

Carta de P. José Blangetti a Felipe Rinaldi

V. J. M. J.
(Tebaida), 26 de fevereiro de 1910
Rev. mo Sr. P. Rinaldi

mangueiras e jaqueiras que amenizam os ares escaldantes daquelas brenhas. Serpeando por entre os morros, seminus e desanimadores no verão causticante, espalham-se algumas pequenas planuras, povodas de pântanos e ou açudinhos artificiais, preciosos reservatórios das águas pluviais caídas durante o inverno. Atravessando-se a velha linha férrea, ainda no rumo Leste, após uma leve colina, prossegue-se em direção às antigas terras dos padres, hoje uma fazenda particular. Ali, um carancudo caseiro pode impedir a entrada, caso não se tenha a licença de ingresso, adquirido em Aracaju, onde vive o ex-aluno atualmente dono da gleba.

É a primeira vez que lhe escrevo, desta casa onde cheguei no dia 3 de fevereiro. Dóe-me porém não poder dar-lhe boas notícias. Poderei confirmar com juramento, a relação que lhe faço das tristes condições desta casa. Senhor P. Rinaldi, tenha a bondade de ler esta minha.

Mandado como diretor, eu sabia que iria encontrar dificuldades, mas não previa que fossem tantas. Aqui só existem duas coisas boas, ar e água, todo o resto é ruim.

1. A casa é de taipa (paus com barro) e de pouca duração, de modo que uma parte está para cair.
2. Todos dizem que o terreno é ruim. Agricultores e não agricultores. Gasta-se muito mais do que aquilo que se recolhe.
3. O lugar é afastado de tudo (cerca de 18 km da capital) e com estradas tão ruins que são necessárias três parrelhas de bois para puxar um carro, que entre nós aí, até uma vaca magra o faria.
4. A estrada de ferro que era esperança desta escola agrícola passa longe. O ponto mais próximo está a 3 quilômetros e a estação está a 6 quilômetros.
5. O governo que inicialmente dava a subvenção de 20:000\$000 (20 contos de réis ou 28.571 libras italianas no câmbio atual anuais, depois 15:000\$000, no ano passado de 1901, reduziu a 10:000\$000 e em setembro do mesmo ano suprimiu inteiramente a dita subvenção.
6. O Governador do Estado que nos visitou no dia 14 do corrente mês, disse-me que é melhor “fechar a Escola ou mudar de lugar”.
7. Os benfeitores mostram-se cansados e nos aconselham também a ir para outro lugar, sendo impossível continuar com a escola agrícola em terreno tão ruim.
8. O Reverendo Guardião dos Franciscanos, ontem mesmo me dizia: “não posso compreender como se possa e se queira continuar de tal modo”.
9. Chegaram 4 jovens estudantes, mas os pais se arrependeram ao verem o lugar e a casa. Mas, por enquanto os meninos ficaram.
10. Brevemente os Rev.dos Maristas chegarão para fundar um Colégio para estudantes e nós ficaremos sem alunos.
11. As dívidas, sem contar o que devemos às nossas casas, porque não consegui ainda ter a conta corrente de todas as casas, vão além de 3:000\$000 (cerca de 4.285 libras).
12. Recebi ordem de fazer propaganda e fiz, sem resultado. O senhor P. Solari andou pelo interior, voltou depois de 8 dias, doente e só com 5 libras no bolso.
13. No momento temos 23 jovens pobres e apenas 5 ricos e pelos cálculos feitos devemos ter um *déficit* de 19 libras por dia, sendo aqui tudo muito caro.
14. Geralmente não se encontram intenções de Missas, de modo que a única entrada é a pensão de cinco estudantes, mais alguma esmola.

O Oratório festivo de Maria Auxiliadora de Aracaju depende da escola. É onde se faz um pouco de bem. O Oratório é também de peso a esta casa. Em tais condições, que se deve fazer? Propus que se fechasse a casa e tive resposta negativa. Terminei pedindo-lhe que me responda, indicando o que deve fazer.

Abençõe o seu aff.mo em J(esus) e M(aria). Irmão e filho aff.mo

P. José Blangetti